

BOOK REVIEW

DIÁLOGOS ENTRE POETAS, TRADUTORES E PENSADORES: O CASO DE CERNUDA E HÖLDERLIN

Isabel Araújo Branco*

CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH - UAc)

Luis Cernuda y Friedrich Hölderlin: traducción, poesía y representación, Javier Adrada de la Torre, Granada, Editorial Comares, 2021, 162pp, €16, ISBN 978-84-1369-104-6

Luis Cernuda y Friedrich Hölderlin: traducción, poesía y representación, de Javier Adrada de la Torre, é um inspirador ensaio sobre as relações que se estabelecem entre poetas e tradutores, para lá do contacto pessoal e directo entre pessoas. É possível dialogar com o «outro» e tornar essa conversa intelectualmente produtiva, sem a troca de palavras, gestos ou olhares – sem conhecer, de facto, o «outro». Esta minha última afirmação não é, contudo, rigorosa, porque se pode conhecer o «outro» sem partilhar o mesmo espaço ou tempo. Porque o «outro» é feito mais da sua perspectiva do mundo do que de aparências físicas – tal como o «eu», um «eu» que se vê reflectido nas palavras do «outro» e que, através delas, pode repensar o mundo, a literatura e a sua própria obra.

Foi o que aconteceu com o poeta espanhol Luis Cernuda (1902-1963), leitor e tradutor do alemão Friedrich Hölderlin (1770-1843). Como explica Javier Adrada de la Torre, a marca do segundo sobre o primeiro manifesta-se a três níveis: na sua poesia, na sua concepção da arte e na sua atitude face à vida. «Tras ahondar en la obra de Hölderlin mediante la traducción, Cernuda empezará a comprender la poesía de otra manera, escribirá poemas congruentes con este estado de conciencia recién forjado y le encontrará un nuevo significado a su existencia en el mundo» (p. 96), indica Adrada de la Torre. O impacto da obra de Hölderlin em Cernuda foi, pois, enorme. O ensaio demonstra como tal se deu, analisando os 22 poemas de Hölderlin traduzidos para espanhol em 1935 por Cernuda em colaboração com Hans Gebser (18 publicados e quatro inéditos), organizados em função dos temas abordados e relacionando-os com a obra poética do autor sevilhano, anterior e posterior ao trabalho tradutório, nomeadamente no acto de revisão dos seus próprios textos. Entre outros aspectos, Cernuda herda de Hölderlin o encavalgamento, um tom altissonante e uma dimensão mais longa das composições. Adrada de la Torre apresenta possíveis razões para a não publicação dos referidos quatro poemas, à semelhança do que faz com várias outras questões, como o método de selecção dos textos a traduzir, o conhecimento que os círculos literários espanhóis teriam sobre Hölderlin, as razões da colaboração entre Cernuda e Geber ou a forma como Hölderlin permeou Cernuda. Na verdade, o ensaio aponta para muitas hipóteses de processos de trabalho,

* ibranco@fcsch.unl.pt

relações pessoais ou razões que levam a determinadas escolhas, apesar de não ser possível confirmar estas interpretações.

Entre as consequências das traduções em causa, conta-se a aproximação pessoal dos tradutores e a colaboração formal ou informal noutros projectos, com impacto na circulação cultural europeia. Refiro-me concretamente à antologia *Neue spanische Dichtung (Nova Poesia Espanhola, em português)*, publicada na Alemanha por Hans Gebser e Roy Hewin Winstone e que inclui composições de Rafael Alberti, Vicente Aleixandre, Manuel Altolaguirre, Luis Cernuda, Federico García Lorca, Jorge Guillén, Emilio Prados e Pedro Salinas. Como assinala Adrada de la Torre, esta antologia mostra como o encontro entre Cernuda e Gebser para traduzir Hölderlin levou a «intercambio cultural en ambas direcciones: de Alemania a España y vice-versa, y del Romanticismo al siglo XX» (p. 94). Mas não se fica por aqui: a publicação desta antologia revela que a tradução e a selecção do que é traduzido pode funcionar como instrumento para desafiar uma determinada representação hegemónica da literatura e propor uma alternativa. Trata-se, pois, neste caso, de uma resposta à antologia *Poesía Española*, coligida por Gerardo Diego e que acabou por ser marcante na construção do cânone da literatura espanhola do século passado. Temos, portanto, um exemplo de que a tradução pode ser uma «arma contra el canon, como caballo de Troya que, a pesar de su apariencia inofensiva, no solo destruye, sino que alberga en su interior una propuesta poética nueva» (p. 94). Neste caso concreto, a antologia de Gebser e Winstone poderia ter desencadeado um novo interesse por estes poetas espanhóis em vários países, poetas que, apresentados em grupo neste volume, veriam a sua proposta estética e conceptual mais respaldada. No entanto, o início da Guerra de Espanha, com o levantamento militar franquista contra o governo democrático em 1936 e o seu prolongamento até 1939, bem como a posterior II Guerra Mundial tiveram impactos profundos a diversos níveis, nomeadamente na circulação nos espaços, no intercâmbio cultural entre pessoas de diferentes países e na publicação de novos títulos: Gebser sai de Espanha e muda-se para Paris, cidade que terá de abandonar para se fixar em Berna, numa fuga continuada aos exércitos nazi-fascistas. «Estas circunstancias también impidieron la publicación del segundo volumen de *Neue spanische Dichtung*, que estaba ya previsto desde 1936», indica Adrada de la Torre.

O presente ensaio dedica as sessenta páginas iniciais – cerca de metade do livro – a uma extensa revisão teórica, abordando temas como o conceito de intraduzível, o debate histórico sobre a fidelidade, o trabalho dos tradutores enquanto leitores e enquanto criadores literários, o papel desempenhado pela tradução na constituição dos cânones e os diferentes métodos da tradução de poesia. Assim, o título que encontramos na capa acaba por ser de certa forma enganador, visto que a relação entre a obra poética e tradutória de Hölderlin e Cernuda são abordados apenas em dois apartados, um deles o «Epílogo». E aí encontramos uma interessante interpretação do trabalho de Cernuda à luz das teorias da «pós-tradução»: como o espanhol fez de Hölderlin seu precursor, como a relação com Gebser se desenvolveu após a tradução e como os poemas de Cernuda

dialogam com outros meios discursivos e outras artes, em particular a pintura, a música e a escultura. Uma boa forma de concluir esta leitura, portanto.

Sobre a autora: Isabel Araújo Branco é Professora Associada na Universidade NOVA de Lisboa. É investigadora integrada do CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH—UAc), de que é subdirectora. É directora de *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Entre outros, publicou *Recepção literária das literaturas hispano-americanas em Portugal* (LIT, 2021) e *Tradução e edição de obras hispano-americanas em Portugal* (Peter Lang, 2020).